



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário

(11) 95446-2020 pormassas.org

Nº 4

15 de janeiro de 2026



Manifesto do Partido Operário Revolucionário (POR)

50 anos do assassinato do operário Manoel Fiel Filho

Que as centrais se coloquem à altura da memória dos que enfrentaram o golpe de 1964 e lutaram pela causa dos explorados

O “Ato em Memória dos 50 anos da morte de Manoel Fiel Filho – operário metalúrgico assassinado pela ditadura militar” -, convocado pela CUT, CSP-Conlutas, CTB, entre outras organizações, deve ser não só um momento de homenagem como também de avaliação da atual situação política do Brasil, considerada em relação à ditadura militar que perdurou de 1964 a 1985.

Guardadas as devidas particularidades e proporções, o país se encontra mergulhado em velhas contradições do capitalismo semicolonial que estiveram na base da conspiração militar, apoiada pelos Estados Unidos, que concluiu com a derrubada do governo constitucional de João Goulart em 31 de março de 1964 e a instalação de um ciclo ditatorial, que se manteve por 21 anos. Trata-se da decomposição da democracia oligárquica, que como tal não pôde e não pode ser instrumento para transformações estruturais de sua economia, vastamente controlada por monopólios multinacionais e condicionada pelo agigantamento do capital financeiro parasitário.

Nos sessenta e dois anos do golpe e nos cinquenta anos do assassinato do operário metalúrgico Manoel Fiel Filho, torturado e

morto em 17 de janeiro de 1976, se manteve a tendência de aumento da concentração de riqueza em poder da minoria capitalista e de pobreza que esmaga a vida da maioria trabalhadora, bem como a de recrudescimento da polarização de classes.

No passado, o nacionalismo burguês fracassou em realizar tarefas democráticas típicas do capitalismo atrasado, sendo duas delas mais importantes: a reforma agrária e a eliminação da miséria. No presente, o governo Lula também tem fracassado em resolvê-las. O reformismo atual vem fracassando como fracassou o nacionalismo do período de 1930 a 1964. A explicação está em que historicamente o capitalismo da época imperialista se caracteriza pela decomposição, pela barbárie e pela dominação ditada pelas armas. A burguesia brasileira se formou e se desenvolveu sob a égide do capital internacional e, portanto, nunca conseguiu ter independência para realizar as tarefas democráticas.

Essa questão comparece no momento em que a justa e tardia homenagem a Manoel Fiel Filho, que era membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), nos obriga a retomar um balanço histórico do golpe de 1964,

do longo período ditatorial, da resistência operária e popular e da brutal repressão desfechada pelo poder militar à oposição, principalmente, à que expressava o movimento operário e suas organizações.

A mudança do regime de ditadura para o da democracia foi realizada pela necessidade da própria burguesia e com o consentimento do imperialismo norte-americano. A mesma classe que gestou a derrubada do governo nacionalista de João Goulart fez a transição à democracia, valendo-se de um acordo com o último governo militar, do general João Batista Figueiredo.

Está aí o motivo histórico por que o movimento pela anistia, a constituição da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos e a tentativa de mover processos contra torturadores não tiveram como alcançar seu objetivo maior, que era o de condenar os militares e agentes da polícia política que estiveram à frente dos assassinatos e desaparecimentos.

O metalúrgico Manoel Fiel Filho, o jornalista Vladimir Herzog e o estudante Alexandre Vannucchi Leme foram as vítimas que mais destacaram entre os 433 mortos, reconhecidos pelo Dossiê Ditadura Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil, 1964-1985.

Este dia em que as organizações sindicais homenageiam Manoel Fiel Filho deve ser um grito de guerra a todos os crimes da burguesia contra os explorados e seus lutadores. Deve fazer parte desse grito os recentes massacres na Baixada Santista e no Complexo do Alemão e Penha no Rio de Janeiro, desfechados pela Polícia Militar, orientados pelos governadores Cláudio Castro (RJ) e Tarcísio de Freitas (SP), sob a sombra do Estado federativo e do governo Lula. O retorno à democracia oligárquica não extirpou as raízes do golpismo e do fortalecimento do Estado-policial voltado fundamentalmente contra a maioria oprimida.

Não se pode dar por interrompidas as tendências militaristas e golpistas que vieram à tona em 8 de janeiro de 2023. A condenação e a prisão do chefe da conspiração, o ex-presidente Bolsonaro, e do seu grupo de generais apenas retardou a ofensiva da direita e ultradireita, que em 2016 derrubaram o governo de Dilma Rousseff por meio de um golpe institucional.

Está mais do que claro que a governabilidade de Lula tem dependido de sua disposição de manter as contrarreformas e dar continuidade a elas em função das exigências do capital financeiro, das multinacionais e do agronegócio. O processo eleitoral está em pleno vapor, apesar de estar distante a nove meses. A influência do imperialismo norte-americano é sentida, como se tem sentido na América Latina. A intervenção de Trump na Venezuela é apenas um passo da ofensiva militarista no continente. As forças da direita e ultradireita burguesas somente podem ser combatidas pela política e programa próprio da classe operária.

É imperativo que esse ato não seja um instrumento da disputa eleitoral, como já assinalaram as direções sindicais. Ao contrário, deve expressar o programa de reivindicações dos explorados, o enfrentamento à barbárie capitalista e a indicação do caminho da luta de classes.

A melhor homenagem a Manoel Fiel Filho e a todos que tombaram lutando contra a ditadura é a que corresponde à tarefa das centrais e sindicatos unirem a classe operária, os camponeses, os demais trabalhadores urbanos, e em particular a juventude oprimida em torno às necessidades vitais das massas, à derrubada das contrarreformas antinacionais e antipopulares e ao combate ao cerco imperialista.

As organizações que convocaram o “Ato em Memória dos 50 anos da morte de Manoel Fiel Filho” se colocarão à altura da luta daqueles que enfrentaram o golpe militar de 1964 e os 21 anos de ditadura dos generais se apresentarem um programa de reivindicações e darem um primeiro passo em sua defesa, convocando e organização um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios por todo o país.

O Partido Operário Revolucionário (POR), aqui presente, reivindica a memória dos que lutaram, foram presos, torturados e assassinados pelo regime militar. Tem o compromisso de trabalhar pela democracia operária, pela organização independente dos sindicatos frente ao Estado, pela unificação das centrais em uma única organização nacional e pela defesa da estratégia da revolução social.

Viva a luta de todos os mártires que tombaram lutando contra a ditadura militar!